

EDITORIAL

SOBRE AS QUESTÕES AMBIENTAIS E SUA RELAÇÃO COM A SAÚDE

Ao longo dos anos, as questões ambientais, mais precisamente a interação entre o meio ambiente e a saúde da população tem merecido mais destaque na imprensa e, sobretudo no meio acadêmico-científico.

É notória a proximidade da relação constituída pelos benefícios do meio ambiente ao homem, e também do desequilíbrio ambiental proveniente, na maioria das vezes, da ação deste mesmo homem. Estes desequilíbrios repercutem em diversas esferas como a social, a do próprio ambiente, e da saúde pública.

Os relatos mais antigos desta preocupação com relação ambiente-saúde estão descritos em registros da Bíblia e documentos gregos e egípcios, como por exemplo, os perigos inerentes ao consumo de alimentos e de água contaminados¹.

Com o passar do tempo, esta preocupação se manteve, mas somando-se a ela muitas outras surgiram devido inclusive à mudança do estilo de vida, seja em países desenvolvidos ou aqueles em desenvolvimento.

A preocupação com problemas ambientais no Brasil, o desenvolvimento econômico e a relação destes com a saúde destaca-se desde o pioneirismo de Oswaldo Cruz e seus apoiadores².

No Brasil, em julho de 1995, foi elaborado pela primeira vez um documento oficial coordenado pelo Ministério da Saúde em integração com diversos outros ministérios com a finalidade de demonstrar a inter-relação entre Saúde e Ambiente, pautado no contexto da sustentabilidade³.

Desde a data da elaboração deste material até os dias atuais, muitas produções acadêmico-científicas e outras informativas foram produzidas no Brasil e em todo o mundo.

Informações sobre a crise ambiental global (superaquecimento, efeito estufa, crise da água), sobre a influência na saúde humana (câncer, malformações congênitas, doenças respiratórias dentre outras, dependência química) são veiculadas diariamente.

A extensa utilização do solo e da água, a mecanização do trabalho, a exposição aos mais variados agentes tóxicos e vetores são experiências remotas e vivenciadas atualmente com maior severidade.

Conceitos novos foram definidos, outros reformulados, medidas preventivas e na maioria das vezes, paliativas estabeleceram-se como combate à destruição do meio ambiente, e à exposição do homem às diversas condições ambientais.

**TÂNIA CRISTINA DIAS DA SILVA
HAMU¹**

¹Fisioterapeuta, Professora Doutora da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Coordenadora do Laboratório de Pesquisa em Musculoesquelética (LAPEME-UEG), Editora da Revista Movimenta.
tania.ft@gmail.com

No entanto, algo permanece quase que inalterado: a falta de conscientização sobre o dano ao ambiente, sobre os efeitos deletérios de condições ambientais (por exemplo exposição à fumaça do tabaco, *stress* laboral), e acima de tudo, sobre condições básicas, como por exemplo, medidas sanitárias.

Neste contexto, o papel dos periódicos é o de apresentar aos leitores respaldo científico que possa fomentar a discussão acadêmica sobre a relação Ambiente-Saúde. Mas, acima de tudo, estes periódicos assumem o papel de estimular mudanças que podem resultar na transformação desta realidade.

É o que deseja a sociedade, é o que almeja a Revista Movimenta.

Referências

1. Brilhante OM, Caldas LQA (coord). Gestão e avaliação de risco em saúde ambiental [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1999.
2. Minayo MCS *et al.* O programa institucional sobre saúde e ambiente no processo de desenvolvimento da Fundação Oswaldo Cruz. *Anais da Academia Brasileira de Ciências*. 1999; 71(2): 279-288.
3. Brasil. Plano nacional de saúde e ambiente no desenvolvimento sustentável. Brasília: Ministério da Saúde. 1995.